Fausto

(Segunda Parte)

de Johann Wolfgang von Goethe

(1749 – 1832)

Transcrição da aula

A história começa no céu onde Deus permite que o diabo tente Fausto com os prazeres terrenos, do mesmo jeito que Jó foi tentado na Bíblia. A partir daí a cena se transfere para o gabinete de Dr. Fausto, coberto de livros empoeirados do chão ao teto. Ele está profundamente decepcionado com sua própria existência, pois havia procurado a sabedoria nas ciências abertas, depois nas ciências ocultas, nas ciências mágicas e não havia descoberto nada. Está prestes a cometer suicídio quando ouve os sinos da cidade convocando os fiéis para a comemoração da Páscoa, o que o preserva e reacende seu desejo de viver. Caminha pelos campos com seu flâmulo, Wagner, que é o modelo do scholar, do acadêmico. Ao voltar para casa percebe que é seguido por um cachorro que entra em sua casa para depois se transformar num indivíduo, o diabo em pessoa.

Mefistófeles, muito inteligente e até divertido, lhe faz uma proposta muito sutil: a de que ele poderia obter felicidade se em vez de ficar ali no gabinete, se se dedicasse a viver a vida *comme il faut*, ou seja, a vida dos estímulos físicos, dos prazeres sensoriais. Fausto não acredita que isso vá funcionar e concorda mais ou menos, assim como o Antônio (de *O Mercador de Veneza*) concorda em fazer um acordo com Shylock que lhe tiraria uma libra de carne caso não saldasse a dívida. Concorda porque acha impossível não poder cumprir a obrigação e nesse caso a obrigação é a seguinte: caso Fausto se sentisse completamente feliz, enfastiado dos prazeres mundanos, ele diria uma certa frase e o diabo levaria sua alma.

O diabo vai então organizar um rodízio de prazeres e para melhorar as chances de Fausto se divertir ele é rejuvenescido numa cerimônia diabólica (o que lembra as feiticeiras de Machbeth). Há muitas referências à Shakespeare. Fausto é levado para uma grande orgia que é a Noite de Valpúrgis, quando todos os bruxos, feiticeiras e afins se reúnem para a pura diversão, mas não aproveita muito a festa, pois já havia se apaixonado por Gretchen, menina ingênua que é seduzida por ele (com a ajuda do diabo) e a engravida.

Inicia-se uma série de desastres a começar por Valentim, irmão de Gretchen, que é morto num duelo. Mefistófeles paralisa o braço do moço facilitando a vitória para Fausto. Em seguida, morre a mãe de Gretchen também por obra de Fausto e Mefisto. Logo virá a condenação da própria Gretchen à morte porque afogou seu filho ao nascer. No final dessa história temos a impressão de que Fausto perdeu a aposta embora ele não tenha dito as palavras fatais que indicavam sua rendição – mas o diabo lhe diz acintosamente '*vem comigo*' e essa impressão fica. Sabemos que ele ainda não havia perdido a aposta, embora tivesse produzido um desastre extraordinário. Foram quatro mortes que aconteceram pela ação irresponsável de um homem que devia ter sessenta, setenta anos, e que se transformou num garoto por obra de feitiçaria, gerando um saldo muito negativo. Foram quatro mortes geradas por uma espécie de molecagem.

Goethe despejou toda sua erudição na segunda parte do Fausto. Temos cinco atos praticamente independentes. Isso não é para ser encenado, pois seria inviável. Nas livrarias ou bibliotecas não sabem em que seção colocar esta obra, se na prateleira de poesia ou na de romance, teatro. Ela é tudo isto.

Aluno pergunta sobre similaridades com Dr. Fausto de Thomas Mann.

A obra de Thomas Mann é um estudo sobre o que aconteceu com a Alemanha como preparação para a Segunda Guerra Mundial. O diabo de Thomas Mann é um Mefistófeles muito interessante assim como o de Dostoiévski em *Os Irmãos Karamazov*. O *Dr. Fausto* de Mann é um compositor que quer fazer a maior obra das obras de toda a história da música e vende sua alma ao diabo.

Aluno diz que Adrien de Thomas Mann rejeita o pacto, mas o demônio lhe mostra que ele já havia aceitado o pacto, mesmo que inconscientemente. Então ele não pode mais rejeitar o que ele aceitou no passado.

Na verdade, Mann aqui está discutindo o que os alemães fizeram, sobre como venderam sua alma ao diabo, o que resultou na aventura nazista. Houve um longo processo de deterioração da alma humana do povo alemão. É um livro muito interessante e muito bem feito. Como todo o livro de Thomas Mann há um excesso de filosofia, pois ele insiste em usar o romance para isso. O romance puro é muito melhor. Robert Musil tem o mesmo problema.

No fundo, há uma porção de histórias fáustícas além dessa aqui. Fernando Pessoa escreveu um Fausto, Guimarães Rosa escreveu *Grande Sertão Veredas* que é uma história fáustica. Há muitas porque é um assunto recorrente dentro das coisas humanas: é o desejo ilegítimo humano de obter uma coisa a qual o homem não tem o direito.

Aluno comenta que se encontra isso a cada esquina.

Todo mundo fez, faz ou fará um acordo com o diabo, mesmo que pequeno. E só teria sentido este livro como literatura universal se a condição que ele relata aqui fosse reproduzível, fosse capaz de significar para muita gente alguma coisa. De fato, todos nós temos um pedaço de Dr. Fausto dentro de nós. É preciso entender que de todos os Faustos que eu conheço, e não são muitos, este aqui é o mais sofisticado, o mais complexo, aquele que dá mais trabalho para entender. A história do Fausto que Goethe conta está associada ao *goethismo*. Não é apenas a descrição da situação fáustica típica humana. Quando Antonio aceita esse acordo com Shylock, ele está vendendo a alma ao diabo. Mas aqui ele está querendo nos vender uma cosmovisão que se chama goethismo, algo que Goethe queria que percebêssemos. É esse goethismo é o que torna esta obra tão original, assim também como o que a torna mais difícil de entender do que as outras. Nenhuma tem a complexidade dessa aqui. Precisamos de uma certa ajuda se quisermos ler com economia.

No último encontro, Dr. Joaquim fez um comentário sobre se o Fausto estaria contando a vida de Paracelso, que é uma personagem polêmica do século XVI. Andei pesquisando e há muitos comentaristas que acham isso. Eu não conheço bem Paracelso para afirmar, mas no fim das contas, há um efeito secundário, porque seja como for, sendo ou não Paracelso, o problema que o livro está trazendo é o mesmo. Então pode ser que o livro traga dados biográficos de Paracelso.

Esperaríamos que a segunda parte de Fausto começasse de modo trágico porque a primeira parte termina com a execução da mocinha, com o diabo tentando levar Dr. Fausto embora do presídio onde Gretchen está, enfim, termina na pior das situações possíveis. No entanto, quando abre a segunda parte, nos encontramos, ao contrário, numa situação idílica, numa situação pastoral.

Aluna inicia a leitura.

Ariel é um elemental e também um personagem de Shakespeare, de *A Tempestade.* É a personagem que domina a natureza e que Próspero usa para fazer as impressões que ele deseja naqueles náufragos, que são o objeto da ação do Próspero. Aí você tem uma situação interessante, pois embora Fausto não esteja redimido de suas más ações, é como se ele tivesse caído num sonho, tivesse saído daquela situação dramática e tivesse sido transportado para uma situação completamente nova – obra de Mefistófeles, obviamente. O diabo ainda não pode reivindicar sua alma, portanto o processo de conhecer o mundo continua. É como se ele tivesse ouvido a canção do esquecimento.

Também não podemos dizer que ele não havia desistido daqueles limites e havia julgado no primeiro livro que toda aquela atividade prepotente acadêmica era pretensão que não daria em nada. Ele já tinha desistido de controlar os elementos.

Ele já não tem pretensões divinas e já é um homem.

Fausto foi trazido agora para um ambiente imperial, pois está numa corte. Este reino está em crise e Mefistófeles propõe emitir papel-moeda com lastro em ouro "escondido".

Conceitos de economia básicos:

- antigamente havia somente os metais valiosos em si próprios que eram usados para troca ou coisas valiosas que eram raras de encontrar como, por exemplo, pedras preciosas, o sal, etc.
- em seguida, depositava-se essas preciosidades em determinados banqueiros que lhe davam um recibo que servia para trocar, que era comercializado – esse tipo de recibo se chama *moeda-papel* – daí o nome de argent, peso, etc.
- somente mais tarde é que se emite papel sem ter o lastro do dinheiro, dizendo que aquele lastro corresponde alguma coisa fictícia, como por exemplo, os *assignats* que foram distribuídos na Revolução Francesa que teoricamente representavam as riquezas nacionais, isto é, o patrimônio público – isso provoca uma inflação gigantesca
- só não temos inflação no mundo moderno porque existe a globalização (que impede que os preços subam), mas a tendência do papel-moeda (não da *moeda-papel*) é inflacionar a economia, pois ninguém sabe muito bem como fazer para manter essa quantidade de papel circulando na quantidade certa

O chanceler na Alemanha é o Primeiro Ministro e no Brasil é o ministro de Relações Exteriores.

Essa conversa de misturar a "Natureza" e "Espírito" é a conversa panteísta de Spinoza, em termos genéricos.

Plutão é Hades, o dono do inferno, irmão de Zeus – na tripartição que foi feita do mundo, Hades cuida do mundo baixo e é também chamado de Plutão, deus da riqueza, para não dar azar, para não evocar a morte. Para não dizer que é o deus da morte, diz-se que é o deus da Riqueza, para falar do assunto sem evocar supersticiosamente o advento do fulano, isto é, a vinda da morte.

A tarefa seguinte é invocar Páris e Helena que significa a recuperação do Classicismo, o sonho clássico, a beleza clássica.

Gaia é o primeiro ser que nasce, a mãe terra, chama-se Géia, de onde vem a palavra *geo*, como em geografia, etc. É a mulher de Urano que é o espírito. Essas *Mães* (*"descer até as Mães"*) devem ter uma ligação com estes elementos fundamentais da existência cósmica, embora ninguém saiba de fato. É um dos mistérios do livro.

Estamos na Renascença aqui.

As *Mães* são uma espécie de natureza mística.

Fausto não consegue recuperar o mundo greco-latino.

No Ato II há um flashback para o gabinete de Fausto, onde ele encontrou o diabo pela primeira vez que agora é ocupado pelo Wagner, seu flâmulo, que se tornou um erudito, um acadêmico, como ele, Fausto já teria sido. Fausto volta para esta cena, mas está atordoado com a explosão das imagens que ele tentava trazer do Hades.

È recebido por insetos, que dá idéia de pequeno, inferior, que é o que o ambiente antigo de Fausto representa aqui. Ela já estaria num grau mais avançado. Ele abandonou a vida de scholar para ser consultor do Imperador. Está promovido do que era antes.

A idéia do *homúnculo,* do homem artificial é uma idéia de Paracelso, que dentre outras proezas, tentou criar um homúnculo, fazer um homem artificial num laboratório. Como Paracelso é muito polêmico, sugiro não termos com ele uma visão simplificada, pois ele está subordinado a uma série de mitos, lendas, etc.

Goethe aqui nos dá a idéia da pretensão extraordinária desses acadêmicos. Goethe colocando o homúnculo na cena, diz que esse mundo gera coisas pequenas, gera anões intelectuais que pedem conselho ao diabo.

O homúnculo sugere a noite de Valpúrgis clássica para recuperar Helena.

Goethe coloca a noite de Valpúrgis clássica na mesma data da batalha de Farsália. Essa batalha acontece quando o primeiro triunvirato é destruído. César derrota Pompeu que se refugia em Alexandria, onde é traído por um Ptolomeu, parente de Cleópatra (também da família Ptolomeu) e com isso César implanta o Império Romano. Na prática ele não dirigirá esse Império Romano que ficará a cargo de Otávio Augusto, seu sobrinho. O primeiro imperador romano é Otavio Augusto porque Cesar morrerá antes. Essa noite clássica de Valpúrgis que Goethe inventou é uma tentativa de transportar para o ambiente clássico, o ambiente da recuperação renascentista do mundo clássico, a noite de Valpúrgis mitológica da germanidade.

Fausto vai para a velha Grécia atrás de Helena e encontra Quíron que havia educado Aquiles entre outros. É levado por ele até Manto, filha de Tirésias (mas aqui Goethe a colocou como filha de Esculápio – ninguém sabe o motivo). O nome da cidade de Mântua vem deste nome. É a cidade onde nasce Virgílio. Quíron é personagem mitológica importantíssima.

Resumindo até aqui: A primeira coisa que ele faz é tentar ser consultor de uma modificação social econômica num reino. Com autorização diz que vai recuperar o mundo greco-romano. O que é trazer Helena de volta? É trazer a beleza greco-romana de volta, que é o sonho renascentista.

Olhe que coisa mais esquisita: Você está em 1500 tentando recuperar algo que já havia desaparecido há 1500 anos. Quando hoje se faz um prédio com colunas gregas na fachada é basicamente a mesma coisa. É claro que aqui a coluna grega é uma mera decoração porque ninguém tem idéia do que seja aquilo de verdade e os estilos estão todos misturados e confusos. Mas é uma maneira de parecer que você é um clássico.

Note bem: Não importa se Fausto está acertando ou errando. Até agora não sabemos se a primeira iniciativa deu certo. É claro que pelas dicas que vocês ouviram aqui e com um pouco de intuição vocês sabem que a história do papel-moeda não dará certo. E aqui também a primeira invocação da Helena não deu certo. Invocar Helena é recuperar o passado greco-romano que já se foi. Esse é o significado simbólico. Ele está fazendo a segunda tentativa de invocar Helena e por isso, por sugestão do homúnculo que é uma criatura sub-humana, eles vão a uma festa de Valpúrgis inventada por Goethe, onde estão todas as personagens gregas e dentre elas eles buscam Helena. Porém, Quíron que é um sábio diz que Helena é apenas uma imagem poética e não existe de verdade.

Vamos em frente.

A sábia Manto, que é simpática à paixão de Fausto por Helena, diz: *"Este é a quem ano, quem almeja o impossível..."* – guardem na memória este pedacinho.

O inferno grego não é como o judaico-cristão, pois tem lugares não tão ruins como os Campos Elíseos. Já no Tártaro estão os Titãs, os deuses que perderam a luta contra os olímpicos. A melhor de todas as metáforas psicanalítica que há é a idéia do Tártaro, a idéia do subconsciente freudiano onde você colocou tudo que você não quer falar nem para si mesmo, aqueles aspectos da sua existência que são tão tenebrosos que nem você tem coragem de enfrentar. Ele guarda os piores aspectos da matéria, da baixa extração existencial.

O fato de que Fausto pode não estar obtendo sucesso em suas iniciativas, e até agora ele fracassou em todas – e adianto para vocês que o papel-moeda não vai dar certo – aliás, o Brasil era fera nisso. Quem inventou isso foi Juscelino Kubitschek que chamava aqueles construtores mineiros e pedia para que fizessem estradas que depois imprimiria papel para pagá-los. Era mais ou menos a idéia de fabricar papel com o lastro em algo que vai existir no futuro, ou seja, com base no que? Com base no progresso econômico que seria gerado por aquela obra de infra-estrutura, coisa que podia acontecer dali a trinta anos. Mas como o governo emitiu o dinheiro agora, então ele terá trinta anos de inflação. O ponto é você lembrar que o fato de Fausto conseguir dar certo não é relevante.
A discussão sobre como ocorria a criação se dividia em dois partidos, onde um achava que tudo acontecia rapidamente e o outro devagar, não só era o assunto científico da época com grande disputa, como também tem um sentido simbólico dentro da obra.

Seísmo é de onde vem *sísmico.*

Os quatro elementos são terra, água, ar e fogo. Durante toda a antiguidade, por influência de Aristóteles, achou-se que todas as coisas eram feitas dessas quatro coisas e de fato são. Não estou falando de elementos químicos, bioquímicos, mas em termos simbólicos. Tanto que você pode estabelecer essa divisão de quatro elementos de todas as coisas que existem. Por exemplo, há quatro tipos de personalidade humana, de temperamento, cada um equivalente a um elemento. Há gente que parece que é fogo, porque tem uma atitude de deixar-se incendiar por qualquer motivo negativa ou positivamente. Há quem tem um temperamento aquático, como se fosse a água, e chora no comercial das Casas Bahia. Há o temperamento terra que é aquele realista, que tem uma atitude de construção e serenidade. Há o do ar que é o tipo esotérico. Não quero entrar no mérito disso porque é um assunto bem complexo, mais do que minha capacidade de lidar com ele. O fato é que são realidades explanativas da estrutura da realidade. Não devemos olhar para isso com preconceito de gente moderna, que dá uma de *Boeing* criticando passarinho que só voa a cinqüenta metros de altura.

Esses dois últimos trechos da história são uma espécie de reverência que Goethe faz ao nascimento das coisas, à comunhão mística da natureza, à teluridade do ser humano, no sentido de que ele tem uma dimensão terrestre, de pertencer de fato à mãe Gaia, à mãe terra. Ele pertence aos elementos concretos do cosmos. Não se esqueça de que na visão de Aristóteles os quatro elementos são apenas existentes no nosso mundo. No mundo das estrelas não há os quatro elementos. Há um quinto elemento que é chamado de quintessência que é o *éter* que não existe no mundo de baixo. O éter não é perecível, ao contrário, é permanente, é eterno. Por isso é que Aristóteles achava que o mundo das estrelas não estava sujeito a geração e corrupção, embora ele fosse material, como o mundo de baixo. Apenas Deus não era material para Aristóteles. Para ele Deus é imaterial, é apenas *forma*, não tem nenhum conteúdo, não é um *sínolo*. Isto está na *Metafísica* e também num outro livro chamado *Do Céu.*

Portanto, o homúnculo é uma espécie de ser humano primitivo e está aqui inteirando com o início da criação – criação no sentido grego da palavra. Repare que ele está reproduzindo a criação grega aqui. O mundo para poder existir tem que passar pelo processo de criação grega.

Se Helena é a mulher perfeita, tanto que é a mulher que Páris recebe em casamento por ter eleito Afrodite a mais bela das deusas, esta Fórquias que possui um único dente e um único olho – não há muita esperança de ela ser bonita – era uma das três irmãs que já nasceram velhas.

Onde se lê: *"Helena aparece na frente do palácio de seu marido, o rei Menelau"*, é uma menção nítida a peça chamada *"As Troianas"* de Eurípedes, uma das mais comoventes que foi lançada em DVD no Brasil, um filme da década de 70, contando o que aconteceu com as mulheres após a derrota de Tróia.

Goethe consegue recuperar Helena, mas precisa colocá-la numa situação de perigo – conforme *As Troianas*, quando Menelau vai resgatar Helena ele avança sobre ela para matá-la porque se supõe que nenhuma mulher fica dez anos raptada. Há uma polêmica de natureza sentimental aqui sobre se a Helena de Tróia queria ou não ir com Páris para Tróia. Quando Menelau vai matá-la ela tira a roupa e fica totalmente nua e ele automaticamente desiste. Ela volta para Tróia com o marido. Dá a desculpa de que esteve enfeitiçada todo esse tempo por Afrodite. Conta que quando o feitiço se quebrou, ela havia sido co-autora do estratagema de colocação dentro de Tróia do cavalo. Essa história é contada na *Odisséia.* Em outras peças não encontramos esse relato.

Seja como for, Goethe consegue tirar Helena do inferno (não conta bem como) – e Mefistófeles não pode ir para o inferno grego, pois ele é um diabo cristão, portanto não tem legitimidade no inferno grego – e a disponibiliza para Fausto que pretende desposá-la. É o Fausto que representa o homem de sua época tentando casar com a beleza grega, com os valores gregos. Mas isso é impedido pela potencial morte de Helena em sacrifício pelo Menelau que não tinha certeza se o rapto havia sido consensual ou não. Helena deixou sua filha Hermione que só foi rever após dez anos aproximadamente.

Para impedir o sacrifício de Helena, Goethe coloca o cavaleiro nórdico, ou seja, aquele que ele representa como raça, que é o herói nórdico tipicamente wagneriano, como Parsifal para salvá-la. Com isso ele quer dizer que está tentando salvar o que há de extraordinário na greicidade, na heleneidade com o ato salvador da cultura nórdica que ele Goethe representa, e que Fausto representa por conseqüência.

Uma fortaleza medieval na Grécia parece estranho, mas esta fortaleza de fato existe, tendo sido construída em 1249 por ocasião da quarta cruzada.

Os heróis nórdicos venceram, já que não era possível recuperar a beleza grega. A continuidade da beleza grega se dará pelo casamento de Fausto que é o representante do germanismo com Helena que é a representante da beleza clássica.

__Nota__ – Parsifal é uma ópera de três atos com música e libreto de Richard Wagner cuja estréia se deu em 1882. A história se passa nas colinas do Monte Salvat, na Espanha, onde vive uma fraternidade de cavaleiros do Santo Graal. O mago negro Klongsor teria construído um jardim mágico povoado com mulheres que, com seus perfumes e trejeitos, seduziriam os cavaleiros e faria com que eles quebrassem seus votos de castidade, e teria ferido Amfortas, rei do Graal, com a lança que perfurou o flanco de Cristo. Todas as vezes em que Amfortas olha em direção ao Graal sente a ferida arder. Tal redenção só poderia ser realizada por um "inocente casto" (significado da palavra "Parsifal"). Este, em sua primeira aparição na ópera, surge ferindo um dos cisnes que purificavam a água do banho de Amfortas, e a todas as perguntas que os cavaleiros lhe fazem responde dizendo que não sabe de nada, nem mesmo seu nome. Parsifal atravessa o jardim mágico de Klingsor e é seduzido pela amazona Kundry, que ora é uma fiel serva do Graal, ora é escrava de Klingsor. Ao beijá-la, sente os estigmas das feridas que afligiam Amfortas e, quando Klingsor atira a lança contra ele, a lança dá a volta em seu corpo, e todo o castelo mágico é destruído. Tempos depois, tendo os cavaleiros se convencido de que ele é o "inocente casto" que faria a salvação, Parsifal cura as feridas de Amfortas e o destrona, assumindo a nova condição de rei do Graal.

Em *"tão desgastada sinto-me e tão nova"* refere-se à cultura grega que está velha, mas ao mesmo tempo sente-se tão nova porque foi recuperada com essa transfusão de sangue nórdica.

Em *"desta união entre o clássico grego e o gótico medieval nasce Eufórion, a personificação da poesia, da resposta imaginativa do mundo"* refere-se ao mundo renascentista que nasce do casamento da cultura nórdica, da cultura européia, germânica com o mundo grego. São os alemães produzindo a arquitetura grega, fazendo colunas gregas.

Eufórion morre – o filho dessas duas culturas fracassou também – como Ícaro que foi para perto do sol com muita impulsividade e não conseguiu sobreviver. Portanto temos mais um fracasso nas ações do Fausto.

Em *"Eufórion deixa para trás sua lira; Helena seu manto e véu"* significa que mesmo tendo morrido deixaram para trás elementos culturais que os representavam, portanto vestígios de si neste mundo.

Intervalo

O homúnculo teve que ser jogado no Mar Egeu, pois foi lá que tudo nasceu segundo o mito da *Teogonia* e é preciso voltar para as origens telúricas logo não é possível a vida existir por conta humana. É preciso que ela volte para sua origem verdadeira, ou seja, para o âmbito das *Mães*. Finalmente Fausto consegue trazer Helena com a ajuda de Mefistófeles e com o conselho de Quíron. Casa-se com ela lutando contra Menelau que deseja matá-la. Agamenon, irmão de Menelau, é casado com a irmã de Helena, Clitemnestra. O pai de Helena é Zeus e o de Clitemnestra é humano.

Em *"Fausto está no topo de um monte muito alto"* vemos uma simbologia. É preciso compreender essa segunda parte do Fausto como um tipo de caminho iniciático. Aquele sujeito que se transformou num moleque, o velho que virou garoto na primeira parte e fez um monte de besteiras, está agora aprendendo sobre a sua existência. Ele já não quer mais aquele plano erudito que Wagner adotou, já não acredita mais em farras em bares com mágica e tampouco em farras sexuais. Agora está tentando outras coisas. Ele está passando por um caminho iniciático. Nesse momento, tudo indica que ele já deu um passo a frente e está num lugar mais alto. É esse o sentido simbólico dessa elevação.

Fausto está lá em cima do morro e Mefistófeles lhe pergunta o que ele quer já que pode dar-lhe o que for. Mefistófeles precisa que ele diga *és tão formoso*, isto é, que ele admita que foi vencido pelo diabo que conseguiu satisfazê-lo na sua angústia fáustica. Essa situação aqui é uma paráfrase que Mefisto faz com a tentação de Cristo no deserto.

Fausto dá a chave do enigma ao dizer que *"nada é a fama; a ação é tudo"*.

O lençol áqüeo é o mar.

Agora ele quer dominar o oceano, o mar e para isso ele precisa fazer um empreendimento de engenharia junto ao mar. Algo como foi feito na Holanda. Como o Imperador emitiu papel-moeda sem lastro, o reino sofre com uma inflação monstruosa e a oposição quer derrubar seu governo. Fausto tem que resolver esse problema e irá negociar na solução do mesmo a oportunidade de colocar o plano que está combinando com Mefistófeles em ação.

Mefistófeles convoca um comando terrorista que usará para acabar com a bagunça, uma espécie de milícia que ele convocou para tirar o Imperador daquela situação que ele provocou.

Fausto agora irá dominar a natureza dominando uma área que pertence ao mar transformando numa área habitável, por meio da engenharia. Mas no terreno onde ele pretende construir um belvedere vive um casal mitológico que deu guarita a Zeus e Hermes disfarçados de mendigos e que por isso foi poupado da ira do deus.

O rei Acab (ou Ahab) que tem o mesmo nome do capitão de *Moby Dick* é casado com Jezebel que não é judia, mas sim fenícia e cultua o deus Bahal que exige sacrifícios humanos. Esse casal fez misérias e dentre elas, está o assassinato de Nabot para lhe usurpar os vinhedos. Criou uma calúnia que culminou na sua morte a pedradas pelos outros judeus. Assim sendo, a terra volta para o estado, ou seja, para as mãos de Acab. O que Fausto fez foi equivalente a isto: tirou os velhinhos de lá a força. Fausto não queria matá-los.

As mulheres que aparecem para Fausto são Penúria, Insolvência, Apreensão e Privação. Fausto sente culpa de ter feito alguma coisa errada. Fausto diz que fez todas as coisas que o mundo lhe propôs. Ele aceitou todas as oportunidades e usou todas as iniciativas que pode.

Fausto desafia a Apreensão permanecendo seguro de si. A Apreensão é dessas criaturas que nos procuram à noite sendo a própria preocupação. Só que ele não sente medo de nada. Então ela o cega. E agora ele se encontra cego como o Rei Lear, como Édipo de *Édipo Rei*, e como a maioria dos cegos da literatura, é só depois que o sujeito fica cego é que ele enxerga alguma coisa. Fausto é cego pela Apreensão.

Fausto diz outra frase chave: *"Esforço ativo, ordem austera, o mais formoso prêmio gera."*

Os lêmures na mitologia são os fantasmas dos mortos que produzem o encaminhamento dos que morrem para o outro mundo.

Mais uma frase chave: *"À liberdade e à vida só faz jus, quem tem de conquistá-las diariamente."*

E Fausto então diz a frase que não poderia dizer: *"Oh! Pára enfim – és tão formoso!"* E com isso, morre.

Mefistófeles está dizendo que todo o esforço humano acaba em nada. O que é vender a alma ao diabo? É tirar o sujeito da circulação divina, ele não verá mais Deus e não irá para o céu. Mefistófeles está sempre dizendo que as pretensões humanas são sempre inúteis e que ele sempre vencerá.

Aluno pergunta se isso não é o resumo do niilismo.

Isso mesmo. O diabo é niilista. Ele tem duas estratégias. Uma delas é a usada na sedução de Adão e Eva, que é a do convencimento de que o homem é Deus, portanto pode ser igual a Deus ou maior, e que ele é propriamente Deus. A segunda é dizer para o homem que ele não é nada.

A primeira o sujeito deve se auto-convencer de que é Deus. É bem o filme *"Quem Somos Nós"* que lhe conta isto. A segunda que diz que você não é nada, é aquela que gera a impossibilidade humana, a paralisia humana. É o sujeito que diz que não fará nada porque tudo é inútil. É quando alguém diz que com esse transito em São Paulo é melhor não ter filhos. Essa idéia de que você não terá filhos porque o mundo é muito ruim é uma idéia paralisante e demoníaca. O sujeito não dá esmola para um pobre porque acha que ele vai tomar cachaça. O sujeito não se esforça para resolver nada porque tudo é inútil. Essa é a idéia que o diabo está defendendo aqui, neste ponto do texto.

O diabo tem apenas duas possibilidades de ação. A primeira é convencê-lo de que você é Deus e a segunda é convencê-lo de que você não é nada. Na verdade, somos fundamentalmente alguma coisa intermediária entre esses dois extremos. Se podemos piorar, então é porque podemos estar melhores do que ficaremos. Logo, uma coisa que fosse completamente boa não poderia piorar de modo nenhum porque ela é completamente boa e não piora. Uma coisa que é completamente má também não pode existir porque se ela é completamente má, ela deve ter estado boa antes, pois se ela piorou a ponto de ficar completamente má, é porque já esteve melhor antes. Logo a condição humana é feita na intermediação desses dois extremos: somos seres que temos componentes bons e componentes maus. É esta condição humana que você deve aceitar. Se você não aceitar esta condição humana, então você não está falando com um ser humano real.

Numa aula contaram que Gandhi (um sujeito muito chato) disse não acreditar no Cristianismo porque queria que lhe mostrassem um cristão que seguisse o Sermão da Montanha, que seguisse as orientações contidas no Sermão da Montanha. Então a questão é perguntar para ele se ele conhece algum hindu que segue as leis de Manu. Porque no atual manvantara que vivemos agora, que está meio no fim, é regido por um conjunto de leis que chamam *leis de Manu* (um documento disponível na internet como *Manu Laws*) que trazem orientações para o que você imaginar sobre a vida humana. Segundo a sua casta há um modo de comer, de se vestir, de andar, de cumprimentar os outros, ou seja, as quatro castas são completamente regulamentadas. Vamos ver se ele encontra algum hindu que lide com as Leis de Manu de modo tão radical que ele imagina um cristão deva seguir as leis explícitas do Sermão da Montanha.

O problema dessas abordagens idealistas é que elas estão sempre falando de um ser humano que não existe. O Cristianismo não é uma religião para santos, mas sim uma religião para pecadores. Não adianta procurar entre os cristãos sujeitos que sejam perfeitos.

No tempo de Santo Agostinho houve um grande cisma na Igreja Católica do norte da África chamado *Donatismo* que era esse problema. Quando houve a perseguição aos cristãos, alguns bispos negaram a fé, isto é, alguns bispos cederam às pressões políticas militares e depois, quando voltou à normalidade havia quem não aceitasse que aqueles bispos que haviam recusado a fé pudessem continuar bispos. Se você vai exigir uma pureza e uma santidade para todos os padres, então não sobrará nenhum, porque não é assim que funciona na prática.

Quando um padre faz um ritual religioso não é ele quem está fazendo, mas ele é somente um instrumento. Santa Catarina de Senna conta nas suas memórias que ela enxergava demônios e havia um padre satânico na igreja que ela freqüentava. Ela o via andando com as sombras dos demônios a sua volta, o que se repetia quando ele rezava a missa, porém quando ele consagrava a hóstia, a imagem de Jesus Cristo aparecia segurando a hóstia. Esse exemplo é apenas para mostrar que o ato litúrgico cristão não é feito pelo padre e sim por Deus. É um ato transcendente e o padre é apenas um ministro.

Nenhum homem pode ser perfeitamente divino, pois senão esse homem seria Deus e isso seria auto-contraditório. E também não se pode imaginar um homem totalmente mau. Portanto somos todos indivíduos que estamos a meio caminho entre a santidade e a perdição – a vida humana é o que você faz entre esses dois pólos, desses dois extremos. Isso é vida humana.

O que Mefistófeles está fazendo aqui é o proselitismo e a propaganda da abordagem anti-perfeccionista do ser humano, dizendo que o ser humano não deve fazer nada porque tudo que ele fizer será inútil – porque todos os problemas são maiores que ele. Muitas vezes os problemas que você enfrenta em sua vida pessoalmente são muito maiores que a sua capacidade de compreendê-los – que dirá resolvê-los. Sempre que você for empreender um tratamento psicológico, seja qual for a linha, você não deve imaginar, em princípio, que você seja capaz de resolver nem mesmo entender a totalidade do problema que aflige a sua existência. Daí o sucesso das psicologias mais pragmáticas como a do Zong que dizia assim ao seu paciente: em vez de ficar vinte anos aqui estudando por que você é homossexual, e não vamos descobrir isso, vamos arranjar um jeito de você viver bem com isso. A idéia é que você às vezes deve ter uma solução prática ao invés de passar a vida tentando entender alguma coisa que talvez você não seja capaz de entender. Há limites na capacidade humana.

O diabo tem duas metodologias. Quando digo diabo não estou falando em religião, mas estou falando em termos metafísicos. As duas possibilidades de inconclusão da vida humana, ou seja, da não-realização da nossa missão existencial é ou a prepotência que acha que nós somos deuses, ou a inanição, a qualidade de inermidade frente à vida humana porque achamos que tudo é inútil e desprezível. Uma coisa é afrontar o céu e a outra é desprezar a terra. São essas as duas possibilidades demoníacas que há das quais devemos fugir de qualquer maneira. Nossa vida deve acontecer no meio disso: dentro da nossa imperfeição fazer o melhor possível. É o único caminho humano possível. Por isso é que Mário Ferreira dos Santos escreveu um livro chamado "*Cristianismo, a religião do homem*" mostrando que, de todas as abordagens religiosas, o Cristianismo é a que melhor entende isso. E é a que melhor elabora uma possibilidade de religiosidade. Por isso é que é a religião de primeira escolha. Se você decidir ser cristão arrume uma igreja 'velha'. Se você insiste em ser de uma seita qualquer, ao menos pegue o Luteranismo, escolha algo mais velho que tenha mais história. Mas o Cristianismo é, sem dúvida, a melhor opção para o homem ocidental.

O que Mefistófeles acabou de fazer foi o proselitismo da inutilidade da ação humana. Ele acha que já está com a alma de Fausto no bolso, está feliz da vida e faz discursos de bravata. São discursos pseudo-filosóficos para impressionar a torcida.

Enquanto o diabo fica cantando os querubins, os anjos sobem com a alma de Fausto.

Anacoretas santos são monges solitários, que vivem sozinhos e não falam com ninguém, que representam os três caminhos de você obter a experiência mística.

A frase mais importante do livro está aqui em alemão: *"Wer immer strebend sich bemūht, Den können wir erlösen."*, ou seja, aquele que (*strebend* é desejar, almejar, ter vontade) sempre se esforçar por desejar, este nós podemos salvar (aqui vemos *erlösen*

que significa soltar porque os anjos soltaram Fausto do seu destino, da prisão do inferno). Esta frase é a explicação de por que Fausto foi levado ao céu.

Talvez este doutor Mariano aqui seja inspirado em São Bernardo de Claraval, o último dos guias de Dante Alighieri (Virgílio, Beatriz e São Bernardo de Claraval) que teve a ajuda de São Bernardo porque Dante era templário e São Bernardo era como que o mentor dos templários. Outro motivo se devia ao fato de Beatriz não ser santa e, por isso não poder subir até os últimos estágios mais próximos a Deus. Aqui houve uma tentativa de prosódia porque esse doutor Mariano não existe.

O coro místico diz: *"Das Ewige Weibliche zieht uns hinan."*, que teria ficado melhor assim: O eterno feminino nos leva-nos para o alto. Coloquei as traduções francesa e inglesa para vocês compararem.

Aluna pergunta se o crime compensa.

A graça da história é essa perspectiva paradoxal. Eu estava dando *"Madame Bovary"* para meus alunos e expliquei que as personagens nas histórias de ficção têm quatro possibilidades:

1. Aquela personagem que tem muito poder que tem muita ambição não serve para a literatura. Que graça literária tem você contar a história de um milionário que compra uma Ferrari de um milhão e meio? Muito mais interessante seria contar a história de um sujeito que vende coco na praia e que consegue comprar uma Ferrari de um milhão e meio. Aí tem um sentido literário. A literatura não se interessa por personagens que não são tensionais. A literatura só tem interesse por situações tensionais. O que é uma situação tensional? É uma situação onde há um contraste, um conflito entre duas coisas que se manifestam simultaneamente e que parecem incompatíveis entre si ou inexplicáveis. A literatura tem pouquíssimas personagens literárias nessa categoria de muito poder e muita ambição. Quase sempre quem está nessa categoria é a personagem biográfica. Vão contar a história da vida de Onassis e descrevem o armador escolhendo caviar e escargot no Fouchet em Paris. Então virou a história do sujeito que tinha hábitos de rico. Mas essa não é uma história literária típica. A literatura gosta muito mais da personagem que tem pouco poder e muita ambição. É o Raskolnikov, Moll Flanders, Julien Sorel, como o capitão Ahab de Mobby Dick, que são muito ambiciosos, mas não têm meios ou elementos de poder suficientes para obter a realização de seus sonhos.
2.

Aluno lembra que no teatro, Boal diz que o ator tem que enxergar o conflito do personagem e não tem que saber o que é o personagem, mas quais as coisas que se digladiam dentro do personagem.

Aí é que está a literariedade da personagem e para isso é que ela está ali, para mostrar a situação tensional, portanto, se você tem uma história sem situações tensionais, é sinal que você está lendo um livro de baixo valor artístico. Se a história não tem situação tensional, então é um livro para passar o tempo que não tem importância nenhuma. As grandes obras de arte literária se caracterizam pela situação tensional, por uma situação de conflito insuperável.

Aluno diz que Fausto parece que está deprimido e com a Páscoa se anima. E mesmo assim é seduzido pelo demônio?

Ele não leva o demônio a sério porque não acha que é seduzível pelas coisas deste mundo. O Dr. Fausto do Thomas Mann é um sujeito muito mal intencionado que traz um plano de poder. Esse aqui não. Esse Fausto está querendo entender a vida. A perspectiva do Fausto da história antiga é diferente da história do Fausto de Goethe, porque este é muito mais complexo e nos dá a sensação de que foi cometida uma injustiça, que foi a não-condenação de Fausto. Mas aí é que temos de entender o sentido da história para entender isso que aconteceu no final da história.

Fausto faz bobagens durante toda a história? Sim, principalmente no primeiro livro onde sua molecagem gera quatro mortes. Na segunda parte, Fausto começa mais ou menos como que se tivesse esquecido o que tivesse acontecido, isto é, como se a sua consciência não estivesse mais pendurada naquela situação e inicia um conjunto de grandes projetos, um mais difícil que o outro. A primeira coisa que ele faz é tentar salvar aquele império (mais que um reino), algo grandioso, depois tenta recuperar a beleza greco-romana, sobretudo a beleza grega clássica, depois tenta fazer o casamento entre o mundo nórdico, o mundo no qual ele vive com o mundo antigo. Depois vai produzir o controle da natureza para permitir que milhares de pessoas possam se beneficiar daquilo. Não lhes parece que é um sujeito corajoso? Audacioso? Não é um sujeito tímido. Ele tem lá uma taxa de insucesso grande. Fracassou na primeira tentativa de salvar o império, depois fracassou na segunda tentativa de recuperar a beleza grega, fracassa na terceira de casar com a Helena, a tentativa de casar a cultura européia do norte da Europa com a cultura clássica. Teve sucesso no combate àquela rebelião do império, mas usando para isso instrumentos imorais (convocando os três valentes para conseguir o efeito). Por fim consegue as terras do mar para realizar seu projeto, mas no meio do caminho causa mais duas mortes (a dos velhinhos) por pura futilidade, pois era para a construção de um belvedere para ver sua própria obra.

Qual a questão posta no fundo dessa situação toda? Vamos entender Goethe agora. Quem é que o salva? Nossa Senhora. Quem pede por ele? Gretchen, sua ex-namorada que o perdoa e pede por ele. No final, na tradução que não está satisfatória, é o fato de "*O Feminil – imperecível*" que eu traduzi por "*O eterno feminino leva-nos ao alto*". Não estou competindo com a tradução em questão. O que é o *"eterno feminino"*? É a mulher que Gretchen representa. Qual a estrutura central da história? O personagem quando percebe-se autor de uma desgraça familiar – não sobrou ninguém daquela família – ao invés de ficar remoendo o que havia feito, pretende dedicar-se à ação como compensação. Só pensa em produzir ações concretas, reais e coisas que são crescentemente mais difíceis, ou seja, de grandes feitos cada vez mais complexos. Nisso há um componente derivado do próprio destino humano após a queda porque de certo modo, o que acontece com Fausto no primeiro livro é que ele cai no sentido simbólico. E ele acaba produzindo uma desgraça que era o contrário do que ele pretendia fazer. Ora, como compensar a queda? Produzindo ações humanas.

Goethe está nos dizendo que a única maneira que tem do ser humano de viver dentro dessas circunstâncias trágicas que estabelecem a sua vida, ou seja, a única maneira de lidar com a tragédia da própria existência humana é por meio da uma ação contínua, da ação permanente, de uma ação incondicional e uma ação cada vez em torno de coisas mais e mais difíceis. Porque essa é uma espécie de missão humana necessária sem a qual não é possível obter a realização da nossa existência. Nesse processo de fazer nós iremos errar uma porção de vezes – e esses erros, entre eles está o erro cometido pelo modo como ele mata os velhos. No entanto, o fato de que ele errou e gerou aquelas mortes não quer dizer que ele esteja dispensado da tarefa de continuar fazendo a sua ação que nesse caso é uma ação civilizatória, de construçao de habitações, de uma proposição de tornar o mundo mais habitável, mais apropriado para as necessidades humanas.

O homem erra enquanto faz. É outra frase que está no texto. É outra frase fundamental e é o que contei para vocês quando fiz aquela comparação de estratégia demoníaca. A primeira estratégia demoníaca é dizer que voce pode tudo, que voce é Deus em pessoa e que você só tem que assumir o seu cargo de Deus. Esse é o primeiro tipo de engano que você comete diabolicamente. A outra possibilidade é fazer o que o diabo diz ali no final, que não adiantou nada, pois agora está morto e vai levar a alma com ele. Tudo acabou em nada.

O primeiro pedaço do problema é que sendo Fausto humano e tendo caído, não tem outra alternativa a não ser produzir uma coisa compensatória que é a ação humana sobre o mundo. Por isso é que ele está o tempo todo dizendo que no início era a ação, que só a ação resolve o problema e que, portanto embora a gente erre enquanto age, ainda assim, a ação é mais importante que a inação – para você escapar da segunda tentação demoníaca, do segundo jeito que o demônio tem para enganar você, para matar você. Matar o ser humano é destruir a sua realidade ontológica, é impedir que ele se realize como ser humano. Matar é destruir a capacidade do ser humano de expressar sua própria humanidade. Como se mata um cachorro? Você pode matá-lo fisicamente e pode impedir que ele seja um cachorro. Pode impedir que ele tenha hábitos de cachorro, que ele se comporte como um cachorro. Isso você não pode fazer, pois está matando aquela existência que é própria daquele indivíduo que precisa viver aquela existência como tal. Logo, a primeira parte dessa história está no fato de que Fausto só vê como alternativa para sua própria queda a ação inegociável, uma ação que irá levar até os cem anos durante toda a sua vida; uma ação procurando fazer projetos cada vez mais difíceis. Como fazer para casar o mundo nórdico com o mundo clássico? Tem que resolver o problema de uma sedição (crime contra a segurança do estado), tem que retirar o mar de cima da terra.

Reparem que nada disso é responsável pela subida de Fausto, pois quem o faz subir ao céu, conforme a tradução, é o eterno feminino. Para entender essa história temos que entender que Fausto, como qualquer ser humano, pertence a dois mundos: o mundo da terra e o mundo do céu, as duas coisas ao mesmo tempo. A nossa condição humana é assim, é ambígua. Ela tem, portanto um pedaço dessa condição que é terrestre e outro pedaço que é céu. O que representa a atitude fazedora de Fausto? O que é o fazedor? É a dimensão terrestre, porque todos os seus projetos são terrestres, mas sobretudo representa esse componente solar que existe no ser humano que é o componente masculino por excelência. Toda a psicologia masculina se estabelece em torno disso. Essa idéia infantil de dominar a natureza é tipicamente masculina. Camile Paglia, historiadora de arte americana, feminista, muito divertida, tem um livro muito bom sobre isso *Personas Sexuais* mostrando esses elementos na arte. Ela retoma a tese de Nietzsche sobre Dionísio e Apolo de que há uma contradição entre eles, mas não vamos entrar nesse ponto.

Quando digo componente masculino, queria que vocês não entendessem como componente do homem, mas o componente masculino que também está dentro da mulher, assim como há dentro do homem o componente feminino. Na prática, homens e mulheres, por razões de polarização natural, tendem a terem uma predominância de um dos dois componentes. O homem tem uma predominância do componente solar e a mulher do componente lunar. A diferença dos dois é que a lua é passiva e recebe o reflexo de, enquanto que o sol é ativo, ele é que produz o reflexo. A lua e o sol se diferem simbolicamente como yin e yang, como ato e potência. Todas as simbologias históricas se manifestam com perfeição na diferença que há entre o sol e a lua. O sol e a lua são igualmente importantes, tanto que se você olhar para o céu, verá grosseiramente que o sol e a lua têm a mesma aparência, embora tenham diferenças muito grandes. Mas aparentemente o tamanho deles é o mesmo. Logo, há dentro da existência humana essa ambigüidade entre esses dois componentes: o solar e o lunar.

Simbolicamente o solar é macho e o lunar é fêmea. O solar é ativo e o lunar é passivo. O que não quer dizer que as mulheres não têm um componente ativo e que os homens não têm um passivo. Eles têm os dois. Na prática é assim: a média dos homens tem um componente solar maior do que a média das mulheres. Não é impossível que uma mulher tenha o componente solar maior do que a média dos homens e vice-versa. Na prática só há casos reais.

O problema é que uma parte do Fausto está ligada à terra e uma parte está ligada ao céu. O problema que Fausto descobre no final da vida, quando ele está esgotando o seu eterno masculino (embora essas palavras não estejam expressas no texto) que é essa idéia de ação sobre o mundo. Quem é que tem a idéia de fazer hidrelétricas e mudar o curso dos rios? Uma mulher não apareceria com essa idéia. A idéia de que o mundo pode ser dominado, de que a natureza pode ser dominada é uma idéia da qual as mulheres já abandonam muito cedo quando menstruam e aprendem pela freqüência menstrual que a natureza é mais forte do que a ação humana. Só não menstruam quando estão grávidas e têm uma noção do que seja a ação da natureza com toda a sua potência que se manifesta na sua capacidade de submissão – é outro ser que está crescendo dentro delas. Haveria algum aspecto natural mais incisivo do que este? As mulheres não têm essa fantasia masculina.

Aluno diz que hoje a menstruação pode ser modificada.

Na prática isso não significa nada, pois não se trata aqui da coisa em si, mas do seu significado simbólico e ela permanecerá nas outras características.

Elcimar Coutinho, um médico baiano quer mudar isso.

É o sujeito que diz que as mulheres são frias por falta de testosterona. No consultório ele dá uma injeção de testosterona nas mulheres que devem ser escoltadas para casa. Na Bahia também não precisa de muita injeção porque o clima é mais erótico. Não é como aqui que há um certo constrangimento. Lá é diferente.

Numa época como essa em que discutimos as questões de natureza jurídica entre homens e mulheres, o fato de haver uma igualdade jurídica entre homens e mulheres, não consegue criar uma igualdade ontológica porque as mulheres serão mulheres e os homens serão homens independentemente do que dizem os papéis todos. O homem moderno que é o homem sensível, fraco como Woody Allen que tende a ser malhado – quando você se distrai ele vai lá e faz um filho com a enteada. Você se distraiu um minuto e as coisas voltam à sua normalidade. Aquele bobão é capaz de tudo. Porque no fundo, há algumas coisas que prevalecem que são as realidades ontológicas.

Existem dentro de qualquer pessoa e no caso de Fausto, essas duas realidades: o componente solar e o componente lunar. Se o componente solar é aquele componente que permite que você viva esse mundo e, de fato, o Fausto segundo serve para mostrar como uma pessoa de ação se comporta (porque é uma ação interminável, é uma vida voltada para a ação sem nenhum minuto de reflexão) – se o componente solar é aquele que permite que você viva esse mundo, a única coisa que manda você para o céu é a humildade do componente lunar feminino. Não é possível ir para o céu com o componente masculino, portanto mesmo no momento final, em que Fausto declara tendo vivido uma vida que ele supõe que tenha sido compensatória das besteiras que fez aos 90 ou 100 anos (não foram besteiras da juventude, ele não tinha direito de ser infantil e irresponsável daquele jeito) – é preciso entender que se para esse mundo estamos prisioneiros da necessidade de ação, para entrarmos nesse mundo somente o

componente lunar é que nos leva para o céu – ou seja, a humildade de nos reconhecermos como criaturas, a humildade de reconhecermos que dependemos do ato generoso de Deus, da humildade de entender que não somos capazes de produzir o próprio céu.

Aluna pergunta se a capacidade da mulher é maior que a do homem.

Claro, porque a mulher pelo fato de ser lunar só ela é capaz de receber a imagem de Deus. O homem sendo solar faz a competição de sua luz com a luz de Deus, portanto o homem (o elemento masculino) não é capaz de produzir a santidade. Por isso é que digo para vocês que Nossa Senhora é o modelo de santidade humana e não apenas o modelo da santidade feminina. É o componente lunar que leva você para o céu e não o solar. Embora esses dois componentes se realizem de alguma maneira. Quando você produz a junção do componente solar e lunar você tem o ser humano na sua mais extraordinária atuação, no auge da sua potência. Essa junção é assim: a ação é o que interessa, é fazer e fazer independente do medo de errar, mesmo correndo o risco de fazer alguma besteira, não deixar de fazer. Fazer e fazer sempre percebendo-se como humilde criatura limitada precisando que alguém reconheça seu mérito que não seja você. Fazer isso dentro de uma visão de humildade humana que é o componente feminino, que é o componente lunar que você tem dentro de você. É a formula da existência, segundo Goethe. É o jeito pelo qual você deve existir. E, pensando bem, não é uma má idéia. Fazer ações para melhorar o mundo, ações que você julgue úteis. Não se omitir de modo nenhum e parar de reclamar, não ficar paralisado pela perspectiva da inviabilidade da ação. Pela perspectiva da má utilização da ação. Não se deixar paralisar e hipnotizar pela possibilidade de fazer imperfeitamente.

Aluna questiona se independente da idade devemos continuar a fazer, ainda que a sociedade nos diga que o homem a partir de uma certa idade deve apenas gozar a aposentadoria.

É o anti-goethismo, pois devemos agir durante a vida inteira. A ação que Fausto faz é o que o redime frente a vida terrestre, material e humana. A redenção perante a vida eterna, a grande vida espiritual ele só obtém por graça e generosidade de Deus que será influenciado pela sua humildade, do seu componente lunar. Portanto é o eterno feminino que salva e esse é o sentido central de salvação que salva Fausto no final da história quando tudo indicava que ele fosse perder a aposta. Deus tem para com pessoas assim um olhar extraordinário. A vida humana é uma desgraça porque nós somos imperfeitos. Nossas tentativas de acertar muitas vezes dão errado. Temos com relação a nossos pais ressalvas. O pai sempre vai amar o filho mesmo que seja o Fernando Beira-Mar. Mas os filhos com relação aos pais não têm a mesma atitude porque eles têm restrições em relação aos pais. Eles guardam revoltas antigas, por exemplo, seu pai não o deixou ir para uma rave e você acha isso terrível. Pelos nossos pais temos restrições e dúvidas. E nossos pais fizeram o que conseguiram fazer de melhor. É preciso olhar para eles com enorme gratidão e consideração porque por mais que tenham errado, não é possível não errar quando se tenta. Esse é o sentido essencial da vida humana segundo Goethe. Porque nós continuaremos pecadores se compararmos com o esquema evangélico, porque todos somos pecadores e falíveis. Mas se você continua tentando, mesmo fazendo besteiras, mesmo matando os velhinhos, se você faz isso, você tem algo de santo. Só que essa santidade precisa ser apresentada com humildade para que você possa ser salvo pelo olhar feminino que é capaz de enxergar Deus, porque o olhar masculino é muito prepotente para enxergar Deus. Os homens não serão salvos por sua própria força, mas somente porque há um componente feminino que o salva que aqui é representado pela Gretchen e por aquilo

que Goethe chama de *eterno feminino.* Ele não dá nenhuma importância para o eterno masculino. Eu é que chamo assim. Mas é esse componente que salvará a humanidade. É a idéia que Goethe tem da existência humana. Esse é o sentido da existência humana. Parece bastante digno de atenção esse modo como Goethe nos ensina isso, porque não sei se há outro jeito de fazer isso.

Aluno diz do ato de arrependimento de Gretchen, ao contrário de Fausto.

Não é que Fausto não se arrependeu. A seqüência do Fausto I para o Fausto II deve ser entendida como uma seqüência iniciática. Ele vai aos poucos aprendendo o que tem e o que não tem valor. Tanto que desiste da sacanagem primária que o diabo propõe logo no primeiro Fausto. Ele vai procurando a verdadeira natureza humana, o verdadeiro sentido da natureza humana que de acordo com ele é a ação humana. Já que você é defeituoso de nascença, a única saída é tentar compensar. Como compensar? Com grandes obras que ele julga sejam úteis, sejam importantes. Nenhuma dessas obras é mal intencionada e ele não é um sujeito mal, mas no final depois que fica cego, dá-se conta que aquilo que ele fez é o que tinha sentido mesmo, é a ação. Não era a obra em si, mas era a ação que tinha que ser feita. Ele tinha que fazer alguma coisa para compensar aquilo tudo.

Aluno acha que a cegueira deveria ser um ato de arrependimento.

Você está preocupado com o esquema cristão da solução do problema. Otto Maria Carpeaux diz que ele não sobe ao céu cristão, mas ao céu grego.

Aluno questiona o céu grego com Virgem Maria.

Céu grego simbolicamente apenas, porque não há o componente cristão no sentido tradicional. É como se o sujeito tivesse passado a vida inteira se auto-enganando e, de repente ele percebe que tinha feito a coisa certa que era agir. Ele parte do pressuposto de que Deus perdoa seus maus atos quando você faz atos bons. O arrependimento aí não é necessário porque é a mesma coisa do rei David que mandou o marido da outra para a guerra para ficar com a mulher do sujeito. Deus só tem boas palavras para o rei David. O reconhecimento do eterno feminino é o reconhecimento da humildade humana. Você só vai para o céu quando reconhece a humildade como caminho para o céu e não a prepotência humana.

Aluno diz que sempre entendeu essa salvação de Fausto pelos méritos dos santos, ou da Virgem Maria ou da Gretchen, aquilo da comunhão dos santos. Se o santo reza pela sua alma você pode ser salvo.

Porque Fausto é salvo contra o acordo que havia com o diabo? Porque há nele um merecimento intrínseco que é bipartido em primeiro lugar numa capacidade de ação que é independente do grau de culpa. Uma capacidade de reação cem por cento aos desencontros da vida. Em segundo lugar ao reconhecimento da humildade da sua condição, da sua submissão ao próprio perdão da outra. Goethe quer dizer que havia dentro dele um mérito que foi reconhecido por Deus.

O processo é iniciático e ele vai entendendo até chegar ao final e pensar que o que salva mesmo é a humildade do eterno feminino.

Aluno diz que Deus sabe o que está acontecendo. Não adianta ter uma vida religiosa e seguir a Igreja, pois isso não garante a salvação. Um cara que não fez nada disso que nem acredita em Deus, cuja vida é pautada pela ação, é visto por Deus como alguém que fez o bem. Um religioso é um tremendo sacana e pode nem ser salvo no final. Fausto mostrou que seu coração estava ligado a alguma coisa boa.

O segredo está na frase que diz que o homem acerta enquanto erra. O homem erra enquanto faz e acerta enquanto faz. É a ação que produz a solução. No contexto de imperfeição, se você tem uma incapacidade de ser perfeito, que é dado garantido, qual seria o efeito oposto? É não fazer nada porque você é imperfeito. Pois a única possibilidade da vida humana existir é viver a vida humana na sua plenitude. Ele foi capaz de fazer alguma coisa.

Aluno diz que uma das grandes angústias de Hamlet era não poder agir. Quando ele disse que sabia o que fazer, embora tivesse desencadeado atos trágicos, estava agindo e sentiu-se aliviado. Não poder agir é terrível.

Esse é o ponto central do goethismo que tem dois componentes. O primeiro é toda a intensidade num ponto minúsculo, então Goethe tem uma metodologia de educação baseada nisso, tem uma metodologia de estudo baseada nisso, uma metodologia de observação de coisas, por exemplo, de observação de quadros baseada nisso. A maior intensidade possível num menor ponto possível. E a segunda é que a ação é tudo na vida humana.

Aluno lembra que na Alemanha Goethe é considerado um educador.

O princípio que estou descrevendo aqui é um princípio de educação humana, um princípio de construir um ser humano.

Aluno menciona que Rudolf Steiner gosta muito de Goethe. Parece que Steiner foi curador de suas obras, se não me engano e muito da filosofia antroposófica é baseada no goethismo.

Acho que você tem toda a razão porque tenho um amigo que é antroposófico e é um sujeito que tem um enorme interesse em Goethe.